

04-02-2021

NANOBUROCRATAS**Rodrigo Emídio Silva**

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/Goiás.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/Goiás]

O ano começou sem estar imunizado.

O vírus das bizarrices viaja por todas as direções.

Sou professor da rede pública goiana, eu não levei uma picadinha no braço, mas voltarei ao trabalho presencial.

Antes que eu me esqueça, voltar ao modo analógico não é o off-line do virtual. Acho que os entendidos de assuntos mediocres chamam isso de híbrido. Estou fazendo cursos de como me adaptar e superar as condições pandêmicas.

Uma psicóloga, com uma fala esperançosa, nos disse virtualmente que a palavra-chave é Resiliência.

Ando com uma antipatia auditiva desses *coachs* do sucesso.

O resumo da ópera é: na próxima segunda, minha trêmula carne estará exposta no açougue da crueza burocrática.

O start do ano letivo, nos espaços de saber (a escola - risos), começa com a dinâmica do superar e esperar. Escreva três palavrinhas e coloque no saquinho. E lá estão elas: reze, ame, espere, reflita, ajude e adapte-se. Como as ovelhinhas estão felizes e o pastor encanta todos com uma fala macia.

Tudo está preparado para a carnificina: lanchinho na entrada, plaquinha de bem-vindos, as escolas são ratoeiras. Fomos marcados com a pecha de que ano passado não trabalhamos. Bate frisson de consciência e os eruditos da educação aceitam, risonhos, que devemos realmente voltar.

As escolas estão estupefatas de nanoburocratas, verdadeiros personagens napoleônicos: pequeninos e pretenciosos. ELES e ELAS advogam o sucesso, a excelência, a competência e a determinação; autodeclararam-se como gestores. Se um dia esses seres fizessem um “De frente com Gabi” e tivessem que falar um defeito, advinha? PERFECCIONISTA. Nas reuniões, adoram ler gráficos, planos de trabalho e apresentam uma animação *glitter* (“brilhante?”). Uma reunião que se preze tem que ter aquelas mensagens piratas da Clarice Lispector e do Fernando Pessoa, que estão grampeadas nos Sonhos de Valsa. Afinal, a educação é cult.

Vamos colocar limites aqui. Existem dois tipos gerais de burocratas: o modernão e o pós-moderninho. O primeiro foi copilado por Weber: é um positivista, meio carrancudo, sempre com tons sóbrios é um executor de Comte. Imagine-o numa sala com uma régua, um tanto racional e com palavras secas. O segundo é cria do Bauman: apresenta ser flexível, usa umas roupas florais, emociona-se facilmente, sorri demais, gosta de uma fofquinha sexual, coloca Deus na conversa e adora Augusto Cury e Içami Tiba.

Não podemos esquecer dos seus jargões: “Professor, diário é diário porque se fosse pra ser feito no final do bimestre seria bimestrário”.

O uso indiscriminado da palavra RESILIÊNCIA pelas máquinas do poder é um traço comum do território existencial dos burocratas baumanianos. Essa palavra é um tipo de altruísmo individualista do sucesso produtivista.

Os status bombam com mensagens de VIVA VOCÊ!!

Lá vem mais jargões: aproveite a dificuldade e cresça; são tempos de adaptação.

E o pior de todos: “saia da ZONA DE CONFORTO”.

.....

Homens e mulheres moram enlatados em 36,6666 m2, são espremidos nos transportes públicos, comem marmitas frias e consomem quase 14 horas do seu dia com o trabalho. Alguém realmente acha que o trabalhador brasileiro algum dia viveu em Zona de Conforto?

Esse discurso ajuda a construção da psicologia social da subserviência e levanta o imperativo que facilita a aceitação das vis chacinhas dos trabalhadores, que são adocicadas com o nome de reformas.

.....

Adapte-se, você perdeu seus direitos.

.....

Um ano sem contato com a estirpe intelectual da educação, eu sonhei que eles estariam menos adaptáveis.

Lá estão eles, depois de um ano, felizes, descansados e cheios de expectativas com ENEM. Corados de resiliência, uns verdadeiros camaleões.

Todos deram a volta por cima, são eles que assaram a batata de Machado de Assis no forno da inconseqüência. Transpiram uma alegria sedativa do NOVO NORMAL.

Os nanoburocratas são seres altamente adaptáveis, os maldosos dirão que termo oficial e original é puxa-saco.

.....

Eu tomava uns drinques com amigos filósofos, eis que surge a trama dos burocratas na conversa.

Aí Barthes meteu a mão na mesa do bar e disse: o que incomoda os burocratas de direita e de esquerda é o prazer!! O Benjamin estava mais bêbado e deprê: o maior protesto contra as explorações e os burocratas é o suicídio, sendo um ato libertador do trabalhador.

Não estava animado para debater, meu único argumento foi: eu morro de preguiça. No mundo da certeza eficiente é um disparate alguém aclamar a preguiça.

É mais fácil convencer um revolucionário que a revolução não chegará do que um preguiço a acreditar nos poderes mágicos do trabalho.

Estou na contramão da galera *No Pain No Gain*, sou um cultivador da preguiça crônica.

Não se adaptar é beijar todas as bocas do prazer.

Um quarto de hora não são quinze minutos, mas quarto cheio de relógios. A vida não acontece na velocidade atordoada, mas na lentidão passeante e imaginativa.

O mundo-eu e o mundo-outro precisam mais de estrofes e versos e menos de parágrafos justificados.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.